Zaar, A., & Balbinotti, M. A. (2001). A descriptive study of the dimensions of motivation runners 5.000 and 10.000 metros Brazil trophy of athletics. EFDeportes.com, *Revista Digital Buenos Aires*, 152.

Zabala, E. L., Rueda, M. P., & Rodriguez, A. L. (2009). Características del estado psicológico de los corredores populares de maratón. *Revista de Psicología del Deporte*, 18(2), 151-163.

AUTORES:

Geraldo Magela Durães ¹

Bruna Santos Durães ¹

Jean Claude Lafetá ¹

Maria de Fátima de M Maia ¹

Alexandre Caribé ¹

¹ Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Minas Gerais (Brasil)

<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S2A.127>

Níveis de ansiedade pré-competitiva e eficiência técnica e tática de uma equipe adulta de futsal feminino participante dos jogos de Minas Gerais – 2015

PALAVRAS CHAVE:

Futsal. Técnica. Tática. Ansiedade.

RESUMO

Atletas de futsal feminino vivenciam diversas reações, como a ansiedade e o estresse em competições. Assim, o estudo pretendeu verificar os níveis de ansiedade pré-competitiva das atletas que disputam os Jogos de Minas Gerais – 2015 – e a correlação deles com a eficiência técnica e tática das mesmas. Este estudo é delineado como descritivo exploratório, com análise quali-quantitativa e corte transversal. Participaram desta pesquisa 13 atletas da equipe do Montes Claros Tênis Clube que disputaram a etapa regional dos Jogos de Minas Gerais – 2015. Em todas as atletas foram avaliados os níveis de ansiedade-estado e ansiedade-traço e seus desempenhos técnico e tático nas partidas. Na análise dos dados, recorreu-se à estatística descritiva, ao teste Shapiro Wilks e à análise correlacional de Pearson, com nível de significância de 5%. Como resultado, constatou-se que as atletas apresentaram baixo níveis de ansiedade-estado (CSAI-2) e níveis moderados de ansiedade-traço (SCATE). Portanto, pode-se inferir que, apesar de alguns erros técnicos das jogadoras, os mesmos não podem ser influenciados pela ansiedade, não havendo uma correlação entre a ansiedade e as ações técnicas. Em relação à participação/ experiência com a ansiedade, observou-se neste estudo que a participação apresentou resultado significativo. Dessa forma, quanto maior a participação, maior o nível de ansiedade entre as atletas. Por fim, quanto à análise tática, as equipes, no geral, jogam de forma simples, com poucas ou nenhuma variação de sistemas, padrões de jogo e jogadas ensaiadas.

Correspondência: Geraldo Magela Durães. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Minas Gerais (Brasil). (gmdmoc@yahoo.com.br)

Precompetitive anxiety levels
and technical and tactical efficiency
of an adult female futsal team participant
of Minas Gerais games – 2015

ABSTRACT

Female futsal athletes experience different reactions, such as anxiety and stress in competitions. Thus, the present study aimed to verify the pre-competitive anxiety levels of athletes competing for Minas Gerais Games – 2015 – and their correlation with their technical and tactical efficiency. This study is designed as exploratory descriptive, with qualitative and quantitative analysis, and cross-sectional. The study gathered 13 athletes from Montes Claros Tênis Clube team, which competed in the regional stage of Minas Gerais Games – 2015. All athletes were evaluated regarding their levels of state and trait anxiety, and their technical and tactical performances in the matches. In the data analysis, we used descriptive statistics, the Shapiro Wilk test and Pearson correlational analysis, with 5% of significance level. The result showed low levels of state anxiety (CSAI-2) and moderate trait anxiety (SCATE). Therefore, it can be inferred that, in spite of some technical errors, the players were not influenced by anxiety and there was not a correlation between anxiety and technical actions. Regarding the participation/experience with anxiety, the participation showed a significant result. Thus, the higher the participation the higher levels of anxiety among athletes. Finally, as regards the tactical analysis, teams generally play simply, with few or no variation systems, game standards and set pieces.

KEY-WORDS:

Futsal. Technique. Tactic. Anxiety.

INTRODUÇÃO

Entre as diversas atividades presentes nas escolinhas de esportes coletivos, brincadeiras e aulas de educação física, o futsal se destaca pela preferência de vários alunos. É um esporte que apresenta um grande número de participantes em competições municipais, regionais, estaduais e internacionais. Além disso, tem despertado também o interesse do público feminino, que vem gerando cada vez mais atletas, mostrando semelhanças nas qualidades técnicas e táticas, e com isso atraindo investimentos em treinamentos e campeonatos, inclusive nos Jogos de Minas Gerais.

Os Jogos de Minas Gerais é uma competição desenvolvida pela Secretaria de Estado de Esportes – SEESP – com a participação das prefeituras e Federações Esportivas do Estado. Tem como objetivo fomentar a prática do esporte de alto rendimento nos municípios e instituições de Minas Gerais, a descoberta de novos atletas, a integração esportiva e melhoraria da gestão esportiva, além de contribuir para o potencial econômico, social e turístico das regiões (Jogos de Minas Gerais, 2015).

Nesse sentido, é visível nos Jogos de Minas a grande competitividade entre as equipes, que buscam nos treinamentos um melhor desempenho individual e coletivo, a criação de metas com o intuito de classificação para as etapas finais das competições e consequentemente a conquista de títulos.

Nessa perspectiva, a busca por títulos torna o futsal cada ano mais competitivo, exigindo mais dos atletas, aumentando a cobrança dos técnicos e dirigentes, ocasionando assim a ansiedade na busca por conquistas, prestígio e reconhecimento. Os atletas, muitas vezes, criam mecanismos de parâmetros comparativos e criam rivalidades, desafios e objetivos competitivos a serem alcançados, gerando reações emocionais, podendo atrapalhar no seu desempenho técnico e tático dentro de quadra.

Silva, Lima, Ribeiro, Costa e Hernandez (2015, P. 3) afirmam que “a ansiedade é das variáveis mais estudadas na psicologia do esporte devido ao grande efeito que pode ter sobre o desempenho dos atletas”. Esclarecendo a ideia, Damázio (1997) cita que atletas que apresentam níveis elevados de ansiedade tendem a não ter uma boa performance ao se depararem com alguma situação estressante, diferente daqueles que apresentam baixos níveis de ansiedade. De acordo com Frischnecht (1990), a ansiedade é um dos limitantes mais comuns para um bom desempenho. Em casos extremos, suas consequências chegam a perturbar a concentração, diminuindo o campo de atenção e levando à performance reduzida.

Silva et al. (2015, P. 4) salientam que a ansiedade pode ser classificada como traço e estado: “ansiedade-traço se refere às diferenças relativamente estáveis entre os indivíduos, que fazem parte da personalidade dos mesmos”; a ansiedade-traço é uma tendência ou disposição mais ou menos permanente em que as pessoas tendem a perceber os eventos como física e psicologicamente ameaçadores, embora objetivamente não o sejam. A ansiedade-estado é “uma emoção transitória, marcada por sentimentos de apreensão e aumento da atividade

do sistema nervoso autônomo" (Silva et al. 2015, p. 4). Esse tipo de ansiedade pode levar o indivíduo a apresentar os seguintes sinais: sudorese, aumento do ritmo cardíaco, elevação da pressão arterial, respiração mais rápida e profunda, tensão muscular, distúrbios gastrointestinais, náuseas, vômitos, dificuldade de concentração, entre outros.

Quanto às atletas de futsal feminino, as mesmas participam de campeonatos competitivos e vivenciam diversas reações, como a ansiedade e o estresse. As equipes fazem treinamentos intensificados, em busca de resultados positivos, mas muitas vezes esses treinos são voltados apenas para a tática, a técnica, a preparação física e estratégias abordadas durante as partidas, ficando de lado a preparação psicológica para elas lidarem com suas reações. Considerando o equilíbrio durante os jogos, assim como as imprevisibilidade e elevada instabilidade, deve-se analisar, além dos aspectos tático, técnico e físico, as diversas reações dos atletas, como a ansiedade, fator que pode fazer a diferença no desempenho e resultado final nas competições.

Tratando-se de ansiedade no futsal, há uma escassez de estudos com as mulheres. Esse tipo de emoção pode influenciar no desempenho de uma equipe, sendo por isso importante desenvolver mais estudos nessa temática. Nesse sentido, o estudo teve como objetivo avaliar os níveis de ansiedade e sua relação com a eficiência técnica e tática em atletas de futsal feminino da categoria adulto participante dos Jogos de Minas Gerais – JIMI/2015.

MÉTODO

O presente estudo se caracterizou como uma pesquisa descritiva exploratória, com análise quali-quantitativa e de corte transversal.

AMOSTRA

A amostra foi intencional, de maneira não probabilística, constituída por 13 atletas da equipe adulta de futsal feminino do Montes Claros Tênis Clube – MCTC, relacionadas para as cinco partidas da etapa regional dos Jogos de Minas Gerais – JIMI/2015.

Os participantes da pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, onde foram mencionados todos os assuntos referentes aos questionários, análise técnica e tática, objetivo do estudo e atestando aceitar participar, sendo garantido o anonimato e confidencialidade dos envolvidos conforme a Resolução 466/ 2012 do CNS. O projeto da pesquisa foi encaminhado e aprovado pelo comitê de ética sob o número do parecer 1.293.656.

INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados para mensurar os níveis de ansiedade foram os questionários CSAI-2 (*Competitive State Anxiety Inventory-2*) e o SCAT (*Sport Competition Trait Anxiety Test*). Para avaliar a eficiência técnica e a eficiência tática das atletas, recorreu-se ao programa de análise *Video Observer* (*Smart Coach*) e à observação das ações dos jogos, respectivamente.

O CSAI-2 é um protocolo com o objetivo de examinar a ansiedade-estado pré-competitiva, analisando o nível de ansiedade do atleta minutos antes da competição. É dividido em ansiedade cognitiva, somática e autoconfiança. A avaliação é composta por nove questões, com respostas em escalas: nem um pouco (1), um pouco (2), moderadamente (3) e muito (4) (Weinberg & Gould, 2001).

Da mesma forma, o SCAT constitui uma ferramenta para avaliar a ansiedade-traço em competições esportivas. O teste é composto por seis questões e suas respostas são: quase nunca (1), às vezes (2) e frequentemente (3) (Weinberg & Gould, 2001).

Para classificar o nível de ansiedade das atletas, foi realizada a soma dos resultados das questões em cada questionário e, logo após, calculou-se a média dos resultados das cinco partidas, onde o CSAI-2 se projetou da seguinte forma: baixo, entre 9 e 18 pontos; médio, entre 18 e 27 pontos; e alto, entre 27 e 39 pontos. Por outro lado, o SCAT teve como critérios: baixo, entre 6 e 10 pontos; médio, entre 10 e 14 pontos; e alto, entre 14 e 18 pontos (Bocchini, Morimoto, Rezende, Cavinato, & Luz, 2008).

PROCEDIMENTOS

Como procedimentos preliminares, todas as atletas foram informadas dos objetivos da investigação e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, sendo garantidos o anonimato e a confidencialidade. O questionário CSAI-2 foi aplicado às atletas cinco minutos antes do início de cada partida. Por outro lado, o SCAT foi preenchido somente no primeiro jogo, assim que as jogadoras chegaram ao ginásio. Os *scouts* foram realizados através do software *Smart Coach/ Video Observer* e interpretados após a competição, com análise das filmagens obtidas das partidas.

O *scout* é usado para analisar a eficiência técnica e tática, registrando as informações e análise de jogo. O *Video Observer* é um sistema de análise de desempenho no esporte com gestão de dados e emissão de relatórios informatizados. Através desse instrumento foram registradas algumas ações das atletas durante as partidas: remates (chutes), gols, finalizações falhadas, finalizações defendidas, passes errados, assistências, cartões amarelos e cartões vermelhos. Logo em seguida foi realizada a soma de cada ação técnica das atletas individualmente nas cinco partidas, sendo avaliado o desempenho das mesmas. O aspecto tático foi interpretado através da observação das filmagens das atletas na participação defensiva, na ofensiva e em contra-ataques, sendo de forma individual dentro de uma concepção coletiva.

Nessa perspectiva, Belei, Gimenez-Paschoal, Nascimento e Matsumoto (2008) afirmam que a filmagem possibilita rever posteriormente de forma detalhada ações e comportamentos, com uma análise mais fidedigna das observações realizadas sobre um fenômeno ou prática.

ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados foram tratados estatisticamente através do programa *SPSS 20.0 for Windows*. Foram utilizadas as técnicas da estatística descritiva, que possibilitaram caracterizar a amostra estudada em função das variáveis selecionadas: média, desvio-padrão, amplitude e frequências. Para averiguar a distribuição da normalidade da amostra foi utilizado o teste Shapiro Wilks.

Como as variáveis da amostra encontravam-se distribuídas dentro da normalidade ($p > .05$), utilizou-se a análise correlacional de Pearson no intuito de verificar a associação entre o nível de ansiedade e a eficiência técnica, com nível de significância de 5%. Por outro lado, a eficiência tática foi interpretada de forma qualitativa, através da observação das videogravações.

RESULTADOS

A amostra foi composta por 13 atletas femininas da equipe adulta do Montes Claros Tênis Clube durante a competição do JIMI 2015, sendo duas goleiras (15.4%) e 11 jogadoras de linha (84.6%), podendo a comissão técnica utilizar até 14 atletas em cada partida. Com relação ao perfil antropométrico, as jogadoras apresentaram um peso com média de 59.30 kg (± 10.45) e estatura com média de 1.63 m (± 4.71), sendo consideradas, assim, dentro do padrão aceitável para a modalidade no naipe feminino. Em outro aspecto, observou-se que as mesmas eram experientes, pois praticavam a modalidade com uma média de 10.38 anos (± 4.99).

QUADRO 1. Posição das atletas

POSIÇÃO	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Goleira	2	15.4
Fixo	3	23.1
Ala	7	53.8
Pivô	1	7.7
Total	13	100.0

Fonte: dados do estudo

Com relação à eficiência técnica, evidenciou-se que as atletas apresentaram uma média de finalizações de 11.61 remates (± 12.04), com o mínimo de zero (referente às goleiras) e máximo de 35 (atletas de linha). A análise individual revelou um baixo número de finalizações, podendo ser atribuída à pequena participação de grande parte das atletas, onde

somente em duas partidas todas jogaram. No entanto, nos demais jogos o técnico fez poucas substituições, utilizando apenas seis ou sete das 13 relacionadas para a partida. Em relação à finalização total nos confrontos, a equipe apresentou uma média de 30.2 remates por jogo, considerado um bom índice para o futsal.

Tratando-se dos gols, as atletas alcançaram uma média de 1.69 (± 2.52), com o mínimo de zero e máximo de oito gols. De forma geral, houve uma média baixa de gols nas partidas, o que pode ter sido influenciada pela quantidade mínima de substituições realizadas pelo técnico, mas que estão relacionadas diretamente às características individuais, tais como alto poder de marcação, armação e assistência. No entanto, as jogadoras não finalizavam as jogadas com precisão ou não participavam tanto das mesmas no quesito ofensivo. O baixo índice de gols pode também ser atribuído ao nível da equipe adversária ou organização tática e estratégica adotada pela mesma.

No que se refere às finalizações defendidas e falhadas, as atletas apresentaram uma média de 3.46 (± 3.40) defesas, com mínimo de zero (goleiras e uma jogadora de linha) e máximo de 11 (demais jogadoras de linha). Já as finalizações malsucedidas, as investigadas obtiveram uma média de 6.53 (± 7.27), com mínimo de zero (goleiras) e máximo de 20 (atletas de linha). Assim, evidenciou-se um baixo número de finalizações defendidas e um maior índice de remates falhados, aproximando-se do dobro de finalizações.

Com relação aos passes errados, as atletas obtiveram uma média de 12.0 (± 11.86) falhas. Assim, fica evidenciado que as jogadoras não apresentaram muitos erros nesse fundamento, porém, quanto aos passes errados no geral da equipe, elas alcançaram vários erros, com média de 31.2 por jogo. Essa característica pode ser atribuída à falta de entrosamento da equipe, sendo que na maioria dos jogos o técnico utilizou poucas atletas e, quando necessitava realizar substituições, as jogadoras apresentavam certa dificuldade em entender as estratégias, principalmente pela falta de movimentação, não criando linha de passe, o que constitui ação importante na execução do fundamento. Além disso, outro fator relevante se deve ao tipo de marcação realizada pela equipe adversária.

Na análise de assistências, alcançaram uma média de 1.38 (± 1.85), caracterizando-se um número reduzido de passes para remates com gol, que pode ser atribuída à pequena quantidade de gols da equipe ou erro do adversário, como, por exemplo, um passe errado, má interceptação, passando a posse de bola para a outra equipe, que aproveita e converte em gol, não sendo computado como assistência.

Em relação aos cartões recebidos, foi evidenciada uma média de 0.15 (± 0.37) cartões amarelos, com apenas duas atletas advertidas e não houve nenhum registro de cartão vermelho. Portanto, observou-se um índice muito baixo de cartões, podendo ser influenciado pelo pequeno número de faltas, disciplina das atletas, onde as mesmas preocupavam-se em realizar um bom jogo, sem deixar fatores externos (torcida) e arbitragem influenciar em seu desempenho, principalmente na concentração e ansiedade.

A participação das atletas na competição foi considerável, com média de 8.07 ($\pm$ 1.55), computados a partir da soma nos cinco jogos, obedecendo à escala de: 0 – não foi para o jogo, 1 – foi, mas não jogou; e 2 – foi e jogou. Todas as jogadoras foram relacionadas na maioria das partidas (mínimo em quatro), porém somente três jogaram todos os jogos. Dessa forma, verificou-se que o técnico optou por poucas substituições, podendo ser atribuída à discrepância na equipe em relação ao entrosamento e níveis técnico e tático.

QUADRO 2. Análise correlacional entre ansiedade e ações técnicas

Variáveis	N	SCATE		CSAI – 2	
		p	r	p	r
Finalizações	13	.990	– .004	.889	.043
Gols	13	.260	.337	.348	.284
Defendidos	13	.414	.248	.416	.247
Falhados	13	.408	– .183	.944	– .022
Assistências	13	.790	.082	.643	.142

*p < 0,05

Os níveis de ansiedade das atletas durante a competição foram analisados pelos instrumentos CSAI-2 e SCAT. Nesse contexto, foram evidenciados baixos índices de ansiedade-estado (CSAI-2), com média de 15.65 ($\pm$ 4.16). No entanto, a ansiedade-traço (SCAT) obteve índices considerados moderados, com média de 11.61 ($\pm$ 1.60).

Nessa mesma perspectiva, buscou-se avaliar a associação entre os níveis de ansiedade e a eficiência técnica. Com os resultados, ficou evidenciado que não existiu uma correlação significativa ($p < .05$) entre a ansiedade (SCAT e CSAI-2) e desempenho nas ações técnicas (finalizações, gols defendidos, gols falhados, passes errados e assistências). Da mesma forma, não foi verificada uma associação entre os níveis de ansiedade com a idade e experiência na modalidade. Entretanto, existiu uma correlação positiva moderada ($N = 13$; $r = .59$) entre a ansiedade (CSAI-2) e a participação nos jogos.

QUADRO 3. Análise correlacional entre ansiedade e Participação/ Experiência/ Idade

Variáveis	n	SCATE		CSAI – 2	
		p	r	p	R
Participação	13	.713	.113	.034*	.589
Experiência	13	.566	.176	.615	– .154
Idade	13	.840	– .062	.093	– .485

*p < 0,05

A eficiência tática foi analisada de forma qualitativa através da observação (*Video Observer*) das cinco partidas realizadas pela equipe do Montes Claros Tênis Clube e seus adversários durante a competição. Para preservar o nome real das equipes, adotou-se as seguintes denominações: Equipe “A”, Equipe “B”, Equipe “C”, Equipe “D” e Equipe “E”, seguindo a ordem dos jogos, sendo três da fase classificatória e dois das eliminatórias (semifinal e final).

No primeiro jogo do JIMI/2015 (MCTC 1x0 Equipe “A”), a equipe adversária mostrou-se determinada e com boa marcação individual na linha dois (meia pressão), com atletas de boa qualidade técnica, mas sem muita organização tática ofensiva, dependendo da retomada de bola no campo de ataque para finalizar o gol do MCTC.

Com relação ao ataque, a Equipe “A” usou o sistema de jogo 3x1, bastante tradicional e usado nas equipes brasileiras, jogando com a fixa, duas alas e uma pivô, tentando sempre utilizar as tabelas com a jogadora de frente (pivô), fato facilitado pela marcação do MCTC de meia quadra ou na linha 3.

No que se refere às jogadas ensaiadas (manobras) da Equipe “A”, foram observadas apenas as jogadas de tiro lateral e tiro de canto com a execução de um passe e finalização direta ao gol, ação que levou perigo a esta área do MCTC durante o jogo, mas que não chegou a se concretizar.

Na análise tática também foi observado que a Equipe “B” é inferior tecnicamente e taticamente se comparada à do Montes Claros Tênis Clube (MCTC 10x0 Equipe “B”), sendo que a mesma utilizou pouca ou nenhuma ação tática, como o bloqueio, troca de posições, tabela, cobertura, dobra e ajuda.

A Equipe B demonstrou não possuir jogadas ensaiadas. Elas posicionavam no sistema 2x2 ou 3x1, com pouca movimentação e, conseqüentemente, grande número de passes errados e baixa posse de bola. Em relação à defesa, realizavam marcação meia quadra e individual e, apesar de ser o sistema defensivo que proporciona o contra-ataque, as atletas não exploravam essa possibilidade.

No terceiro jogo (MCTC 5x2 Equipe “C”), a equipe adversária apresentou-se com uma melhor movimentação que as equipes anteriores, com a troca de posição entre as atletas, característica do rodízio “troca de ala com pivô”. Com relação às qualidades técnicas, observou-se que a equipe tem jogadoras mais habilidosas e experientes, causando um maior contratempo ao MCTC.

Nas jogadas ensaiadas, a Equipe C também demonstrou ter apenas manobras de tiro lateral e de canto, onde existe a possibilidade de maior organização das atletas no posicionamento e execução da mesma. As jogadas de 1x1 (um contra um) também são características dessa equipe, pois, com a presença das atletas habilidosas, esse tipo de lance é bastante produtivo.

No quarto jogo (MCTC 3x0 Equipe “D”), ocorreu o início da etapa eliminatória, onde as atletas tiveram um adversário já conhecido e inferior à Equipe “C”. A equipe era composta por atletas experientes, porém com pouca habilidade. Durante o ataque, utilizavam o sis-

tema 3x1, possuindo poucas jogadas ensaiadas, com execução somente no tiro lateral e de canto, explorando a boa finalização de uma de suas atletas, que é referência também no pivô, utilizando-se bastante da ligação direta (defesa-ataque), com a mesma fazendo a proteção, esperando as alas chegarem ou efetuando o giro e finalizando.

Com relação à defesa, as adversárias (Equipe D) utilizavam pouca cobertura, dobra ou ajuda, deixando muitos espaços para realizar jogadas ofensivas e de finalização. A marcação era realizada na meia quadra ou na linha 3 e individual.

Na última participação na etapa regional dos Jogos de Minas Gerais – 2015 (MCTC 5x3 Equipe “E”), o MCTC enfrentou um time com o mesmo nível técnico, tático e físico de suas atletas. Portanto, o confronto manteve-se equilibrado durante toda a partida. A equipe adversária, diferente das demais, apresentava organização tática tanto na parte defensiva quanto na ofensiva, além de possuir atletas experientes, habilidosas e com várias qualidades técnicas. Com relação ao ataque, eram bem organizadas e possuíam algumas jogadas ensaiadas, utilizando-se do sistema 3x1, com variação do padrão de jogo. Além disso, demonstraram ser um time de grande movimentação, já que finalizavam bem de longa distância, além de realizar jogadas individuais (dribles).

DISCUSSÃO

O futsal feminino vem ganhando cada vez mais espaço no Brasil e no mundo. No Brasil, a modalidade entre as mulheres possui grande semelhança com relação à técnica, à tática e aos formatos de competições comparados ao masculino, tendo a Taça Brasil e o Campeonato Brasileiro de Seleções, além de em todos os anos, desde 2005, ser realizada a Liga Futsal Feminina (Confederação Brasileira de Futsal [CBFS], 2009).

A busca por conquistas nos Jogos de Minas Gerais por atletas do sexo feminino vem crescendo de forma marcante, no qual são realizados vários jogos competitivos, com equipes de alto rendimento e que apresentam grande potencial tático, técnico e físico, principalmente na terceira fase. O futsal é um esporte dinâmico, coletivo e complexo, o qual requer muita habilidade, velocidade de reação e atenção de todos os participantes, sendo que a maioria dos jogos é equilibrada, podendo ser decididos faltando segundos para seu término.

A equipe adulta feminina de futsal do MCTC que participou do JIMI/2015 era composta por 13 atletas, sendo duas goleiras e 11 jogadoras de linha. Elas apresentavam um perfil antropométrico considerado aceitável e grande experiência na modalidade esportiva praticada.

Nessa perspectiva, deve-se salientar que a experiência no futsal constitui um importante fator que interfere em seus desempenhos técnico, tático e psicológico (ansiedade). Conforme de Rose Júnior (1997), Samulski (2002) e Barreto (2003), quanto maior o nível de experiência menor será seu nível de ansiedade e, conseqüentemente, melhor será seu desempenho. Weinberg e Gould (2001) afirmam que o excesso de ansiedade atrapalha no

desempenho, ocorrendo um grande dispêndio de energia, dificultando na concentração, coordenação e análises de jogadas.

Com relação à eficiência técnica, a equipe apresentou um bom índice de finalizações durante a competição, apesar de não ocorrer pela maioria em decorrência das poucas substituições realizadas pelo treinador. Foi evidenciada uma média pequena de gols por partida e de finalizações defendidas, assim como uma média maior de remates falhados.

Apesar do relevante número de finalizações, a maioria desses remates ocorreu fora da meta do gol, o que pode ser influenciado pela precipitação na conclusão das jogadas ou número reduzido de treino técnico, enfatizando mais a parte tática. Segundo Barbanti (2003), o treinamento é uma repetição ordenada, no qual se visa à melhoria do rendimento e das habilidades, sendo determinada pelo um equilíbrio nas condições técnica, na motivação, na tática e nas características psicológicas do atleta.

Considerando esse equilíbrio durante as competições, as imprevisibilidades e a elevada instabilidade durante as partidas, deve-se analisar, além dos aspectos tático, técnico e físico, as diversas reações dos atletas, como a ansiedade, fator que pode fazer a diferença no desempenho e resultado final nas competições.

Berté Júnior (2004) conceitua a ansiedade como um estado anormal de inquietação motivado por uma circunstância ameaçadora relacionada à personalidade da pessoa. De acordo com Cruz (1996, p. 79), a “ansiedade no rendimento desportivo apresenta-se como um processo relacional e um sistema de variáveis e processos psicológicos interdependentes, de natureza cognitiva e motivacional, experimentada em contextos desportivos”.

A ansiedade é uma situação psíquica que proporciona diversas reações em atletas nas competições esportivas, podendo reduzir seu desempenho nas partidas. Neste estudo, a amostra apresentou baixos índices de ansiedade-estado (CSAI-2) e níveis moderados de ansiedade-traço (SCAT). Além disso, não foi evidenciada uma associação estatisticamente significativa entre a ansiedade (SCAT e CSAI-2) e a eficiência técnica, idade e experiência na modalidade. No entanto, observou-se uma correlação entre a ansiedade (CSAI-2) e a participação nos jogos.

Esses resultados contrariam os estudos publicados na literatura, pois várias pesquisas realizadas com desportistas apresentam níveis elevados de ansiedade como influência no desempenho. Gomes et al. (2010) avaliou em atletas de voleibol o nível de ansiedade e desempenho pré-competitivo (treinos) e competitivo (jogos). Com os resultados, verificou-se que a ansiedade foi maior nas partidas da fase preparatória, interferindo na atuação das jogadoras, onde a equipe perdeu dois jogos e perdeu a invencibilidade.

Salles, Oliveira, Barroso e Pacheco (2015) realizaram um estudo para verificar o nível de ansiedade-traço (SCAT) de 65 atletas universitários de esportes coletivos (futsal, handebol e voleibol). Os resultados evidenciaram um perfil de “média ansiedade-traço”, com média 20.1 ± 3.52 pontos. Não houve associação significativa do nível de ansiedade dos atletas com o

sexo, com a modalidade praticada ou com a classificação final da equipe na competição, embora tenha se verificado que o sexo feminino apresentou níveis de ansiedade mais elevados.

Santos, Pedrozo e Perondi (2016) avaliaram o nível de ansiedade-traço (SCAT) e ansiedade-estado (CSAI-2) nas fases preparatória e pré-competição em atletas de futsal do município de Xavantina (SC). 19 jogadoras participaram deste estudo, sendo 11 do sexo masculino e oito do sexo feminino. Os resultados não demonstraram diferenças significativas nos índices de ansiedade-estado entre a fase preparatória e a pré-competitiva. No entanto, atletas do sexo feminino obtiveram maior nível de ansiedade traço e ansiedade-estado do que o sexo masculino.

Os resultados obtidos nesta investigação podem ter sido influenciados pela experiência na modalidade esportiva, onde todas possuíam um tempo significativo de prática do futsal e já participaram várias vezes da mesma competição (Jogos de Minas Gerais), além de outros fatores como a idade, a personalidade e por jogarem em casa, com a torcida a seu favor.

Moraes, Lôbo e Lima (2002) fizeram em seus estudos uma comparação entre a ansiedade-estado, a ansiedade-traço e a autoconfiança em atletas de cinco modalidades esportivas, dentre elas o futsal. Separados em experientes e inexperientes, foi revelado que os atletas mais experientes têm um índice mais elevado de autoconfiança, relativamente ao grupo menos experiente.

Da mesma forma, Fernandes, Nunes, Raposo, e Fernandes (2014) avaliaram as correlações inter-escalas entre a ansiedade-estado (CSAI-2R) e sua relação com a experiência competitiva, bem como o efeito da experiência competitiva na ansiedade e na autoconfiança em diferentes tipos de modalidades. Participaram desta investigação 267 atletas (196 do sexo masculino e 71 do sexo feminino), com idades entre os 18 e 40 anos. Com os resultados, os autores observaram que a experiência competitiva exerce um elevado efeito multivariado significativo sobre as dimensões da ansiedade competitiva. Praticantes de modalidades tanto individuais quanto coletivas, com baixa experiência competitiva, apresentaram maior predisposição a níveis inferiores de intensidade de autoconfiança.

Moraes (1990) preconiza que existe uma relação entre ansiedade e desempenho e que os mesmos podem alterar de acordo com várias situações, tais como a complexidade da tarefa, tipo de esporte, personalidade do atleta, a torcida e o ambiente. Com relação à torcida, Fernandes e Nunes (2006) citam que atletas que disputam competições fora de casa tendem a ter maiores níveis de ansiedade pré-competitiva.

Moutinho (2015) salienta achados de Martens (1982), baseando-se numa concepção multidimensional da ansiedade, e afirma que a autoconfiança se correlaciona negativamente com a ansiedade cognitiva e somática. Dessa forma, sempre que os valores dessas duas componentes da ansiedade aumentam, os valores do terceiro componente – a autoconfiança – diminuem. Sendo assim, se o atleta tem menos autoconfiança, a tendência é que o seu desempenho seja menor.

Referente à discriminação de um resultado de uma partida de futsal, Miloski, Pinho, Freitas, Marcelino e Arruda (2014) salientam que as ações técnico-táticas de desarme referentes ao sistema de defesa de determinada equipe de futsal podem indicar o resultado da partida, bem como para a importância do sistema de ataque no que diz respeito a uma melhor organização do ataque e, conseqüentemente, uma menor possibilidade de sofrer desarmes. É importante ressaltar que a capacidade de desarmar a atleta no futsal depende da ansiedade no momento exato da abordagem, ou seja, quanto mais ansioso maior a probabilidade de cometer erros e faltas e conseqüentemente sofrer os gols.

Quanto aos sistemas táticos utilizados durante as partidas com relação às equipes adversárias do Montes Claros Tênis Clube, observou-se que a maioria delas jogou no sistema 3x1, que é um sistema tradicional brasileiro, ficando o sistema 2x2, de acordo com Silva (2014), mais utilizados nos jogos escolares, por ser de mais fácil assimilação e com movimentações simplificadas.

CONCLUSÕES

Diante da análise dos resultados obtidos conclui-se que as atletas da equipe de futsal do Montes Claros Tênis Clube possuem um baixo índice de ansiedade-estado (CSAI-2) e um nível moderado de ansiedade-traço (SCAT), não demonstrando existir correlação da ansiedade com a eficiência técnica. No entanto, observou-se uma associação entre o nível de ansiedade e a participação nas partidas.

Na análise da eficiência tática, as equipes adversárias apresentaram poucos sistemas ofensivos e defensivos e pequena quantidade de jogadas ensaiadas. Além disso, a maioria utiliza o sistema de ataque 3x1, marcação meia quadra e marcação individual. Portanto, evidenciou-se que as equipes jogam de forma simples, com poucas variações de sistemas e padrões de jogo.

Mesmo que não sejam constatados níveis elevados de ansiedade nas atletas, é relevante investigar e trabalhar esse componente na equipe, sendo que a mesma pode variar de competição para competição e nível da equipe adversária. Todo planejamento e treinamento deve ser realizado visando às exigências do futsal moderno para se obter resultados satisfatórios.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao VIDEO OBSERVER através do Professor Júlio César Resende, por ter concedido a licença do programa e ter se colocado à disposição para esclarecimentos, colaborando também na coleta de dados.

REFERÊNCIAS

- Barbanti, V. J. (2003). *Dicionário de educação física e esporte*. São Paulo: Manole.
- Barreto, J. A. (2003). *Psicologia do esporte para o atleta de alto rendimento*. Rio de Janeiro: Shape.
- Berté Junior, D. (2004). *Um estudo sobre o nível de ansiedade estado pré-competitiva em atletas de futsal*. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Pato Branco, Brasil. Disponível em www.boletimef.org/
- Bocchini, D., Morimoto, L., Rezende, D., Cavinato, G., Luz, L.M.R. (2008). Análise dos tipos de ansiedade entre jogadores titulares e reservas de futsal. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, 6(Ed. Especial), 522-532.
- Confederação Brasileira de Futsal. (2015). Retirado de <http://www.cbfs.com.br/2015>
- Cruz, J. F. (1996). *Stress, ansiedade e rendimento na competição desportiva*. Dissertação de doutorado, Universidade do Minho, Portugal.
- Damázio, W. (1997). *A ansiedade no voleibol*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, Brasil.
- Fernandes, M.G., & Nunes, S. A. N. (2006). Ansiedade pré-competitiva e home advantage. *Revista Saúde.com.*, 2(1), 21-29.
- Fernandes, M. G., Nunes, S. A. N., Raposo, J. V., & Fernandes, H. M. (2014). Efeitos da experiência nas dimensões de intensidade, direção e frequência da ansiedade e autoconfiança competitiva: Um estudo em atletas de esportes individuais e coletivos. *Motricidade*, 10(2), 81-89.
- Frischnecht, P. (1990). A influência da ansiedade no desempenho do atleta e do treinador. *Treino Desportivo*, 15, 21-28.
- Jogos de Minas Gerais. (2015). Retirado de www.jogsdeminas.esportes.mg.gov.br
- Miloski, B., Pinho, J. P., Freitas, C. G., Marcelino P. R., & Arruda A. S. F. (2014). Quais ações técnico-táticas realizadas durante as partidas de futsal podem discriminar o resultado de vitória ou derrota? *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 28(2), 203-209.
- Moraes, L. C. (1990). Ansiedade e desempenho no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 4(2), 51-56.
- Moraes, L. C., Lôbo, I., & Lima, O. (2002). Análise da ansiedade pré-competitiva de atletas de diferentes esportes. In E. Silami-Garcia & L. C. Moraes (Eds.), *Resultados das avaliações*. Belo Horizonte: UFMG.
- Moutinho, M. A. C. (2016). *Fatores relacionados com os níveis de ansiedade em atletas do escalão de iniciais de equipas de futsal do desporto escolar*. Dissertação de mestrado, Vila Real, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/6431>
- de Rose Júnior, D., & Vasconcellos, E. G. (1997). Ansiedade-traço competitiva e atletismo: Um estudo com atletas infanto-juvenis. *Revista Paulista de Educação Física*, 11(2), 148-154.
- Salles, W. das N., Oliveira, C. C., Barroso, M. L. C., & Pacheco, R. W. (2015). Ansiedade pré-competitiva e esporte: Estudo com atletas universitários. *Conexões*, 13(3), 85-100.
- Samulski, D. (2002). *Psicologia do esporte*. Manole: São Paulo.
- Santos, S. R. M., Pedrozo, S. C., & Perondi, D. (2016). Nível de ansiedade-traço e ansiedade-estado na fase preparatória e na fase pré-competição em atletas de futsal de xavantina (sc). In *Seminário de Iniciação Científica, Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão e Mostra Científica*. SIEPE 2016. Santa Catarina: Unoesc.
- Silva, C. V., Lima, P. L., Ribeiro, G. P., Costa, V. de O., & Hernandez, J. A. E. (2015). *Ansiedade traço em atletas de esportes coletivos e individuais*. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/277311736>.
- Silva, M. V. P. D. (2014). *Análise dos sistemas táticos utilizados no futsal feminino nos jogos escolares de Porto Alegre em 2013*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Disponível em <http://migre.me/v9POn>
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. (2ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.

AUTORES:

Cristina Carvalho de Melo
Tatiana Lima Boletini
Israel Teoldo da Costa
Agnes Vasconcelos Arreguy
Franco Noce

<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.S2A.141>

Depressão e dança de salão: Fatores de influência em idosos

PALAVRAS CHAVE:

Idosos. Depressão. Dança.

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi verificar os fatores que influenciam a incidência de depressão em um grupo de idosos praticantes de dança. A investigação se tornou relevante devido à expressividade da população idosa no contexto brasileiro e por acreditar-se que a identificação destes fatores pode auxiliar o combate, tratamento e prevenção desta enfermidade. A amostra compôs-se de 51 idosos com idade média de 66.33 anos ($\pm$ 6,89), de ambos os gêneros e que praticavam dança de salão. A fim de verificar a incidência de depressão nos participantes aplicou-se o Inventário de Beck e como instrumento investigativo das capacidades cognitivas fez-se uso do questionário Mini-Mental, do qual os escores considerados baixos seriam utilizados como critério de exclusão. A análise dos dados identificou significância da influência das variáveis: ser profissionalmente ativo; ter passado por uma situação trágica e apresentar alguma doença associada na incidência de depressão. Estes dados evidenciam a necessidade de maiores investigações sobre como evitar tais influências.